



**FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS**  
**CURSO: JORNALISMO**

**MARIA LUIZA ORPHÃO DE CARVALHO**

**O corpo enquanto memória:  
perfil jornalístico de Allana Krysna, sobrevivente de queimaduras**

**Brasília**  
**2021**

**MARIA LUIZA ORPHÃO DE CARVALHO**

**O corpo enquanto memória:  
perfil jornalístico de Allana Krysna, sobrevivente de queimaduras**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como pré-requisito para a  
conclusão do curso de Jornalismo do Centro  
Universitário de Brasília – CEUB.

Orientadora: Profa. Mônica Prado

**Brasília  
2021**

**MARIA LUIZA ORPHÃO DE CARVALHO**

**O corpo enquanto memória:  
perfil jornalístico de Allana Krysna, sobrevivente de queimaduras**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado como pré-requisito para a  
conclusão do curso de Jornalismo do Centro  
Universitário de Brasília – CEUB.

Orientadora: Profa. Mônica Prado

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

**Banca Examinadora**

---

Prof.(a): Mônica Igreja do Prado  
Orientadora

---

Prof.(a): Lourenço Cardoso  
Examinador

---

Prof.(a): Luiz Cláudio Ferreira  
Examinador

*Ao meu filho Luiz Gustavo, que despertou  
minha empatia e meu conhecimento em  
relação a pessoas queimadas após também  
ter se queimado. Que cresça sabendo que,  
não só este trabalho, mas também minha  
vida é dedicada a ele.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais - Vera e Luiz Fernando -, que sempre foram incrivelmente pacientes quanto à jornada que escolhi trilhar. Pai, você me ensinou a ser eu mesma, com força. Sempre me acolheu quando nem eu pude me reconhecer. A perseverança que você me deu ninguém vai tirar. Mãe, como você sempre diz, eu não vim da sua barriga e sim do coração. A nossa ligação transcende qualquer sentido que possa ser verbalizado. Obrigada por incentivar meu sonho da infância de contar histórias para o mundo.

O caminho não foi fácil e sei que nunca será. Eu sempre digo que a obviedade causa tédio e não traz sentido à vida. Mas sem romantizações. Chegar até aqui não foi como eu esperava inicialmente. Passei por diversos obstáculos que quase me fizeram desistir várias vezes, mas a cada passo que eu dava e tropeçava, algumas pessoas seguraram a minha mão.

Samuel, meu amor! É inacreditável a sorte de termos um ao outro. Chegou com a pretensão de me fazer sorrir e acabou me dando o mundo. Seu companheirismo é imensurável. Obrigada por se permitir ser meu lar. Obrigada por você.

Allana, você me abriu os olhos e me fez ver como minha percepção de resiliência era limitada. Que força! Eu te admiro e te agradeço por ter me dado a honra de conhecer sua extraordinária história, e de me permitir compartilhar neste trabalho. Obrigada.

Agradeço a todos os entrevistados que colaboraram com o projeto e a todos que ainda vão participar. Estendo meus agradecimentos ao professor Lourenço, que despertou um talento que eu não sabia que tinha e que não vivo sem: fotografar. Foi muito bom ter descoberto esse prazer. E também ao professor Luiz Cláudio, que ressuscitou minha sensibilidade na escrita e me apresentou a esse outro jornalismo, pelo qual me apaixonei.

Obrigada à professora Mônica, minha orientadora, que acatou minhas ideias e me instigou a planejar um futuro que estava adormecido em mim. Obrigada pelos ensinamentos e pela paciência.

Por último – e me atrevo a dizer, mais importante – ao meu querido filho, Luiz Gustavo, que ainda não sabe ler, mas quando souber vai descobrir que todo esse universo que eu comecei foi por ele.

## RESUMO

Este trabalho apresenta o perfil jornalístico de Allana Krysna, jovem que sobreviveu a um acidente com queimaduras pelo corpo, no Distrito Federal. O projeto visa compreender acerca dos conceitos e abordagem do perfil jornalístico, bem como sua aplicação na prática por meio de um produto. O tema abordado envolve conteúdos e teorias sobre a prática de um perfil jornalístico, e sobre conhecimentos de cunho social e sanitário, por tratar-se de queimaduras e prevenção de acidentes. O trabalho é composto de forma que a primeira parte apresente a metodologia utilizada e a fundamentação teórica, onde há abordagem dos conceitos, a origem e como fazer um perfil jornalístico. A outra parte apresenta um memorial descritivo-analítico, onde há detalhamento do processo de criação do trabalho, desde o tema até o projeto gráfico. Ao final, encontra-se o perfil produzido, que também foi publicado no site: <https://corpoenquantomemoria.wixsite.com/inicio>

**Palavras-chave:** Jornalismo; Perfil; Queimaduras; Prevenção; Acidentes domésticos.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Página inicial</b> .....	33
<b>Figura 2 – Aba “Perfil”</b> .....	33
<b>Figura 3 – Aba “Serviços”</b> .....	34
<b>Figura 4 – Aba “Autoria”</b> .....	34

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
1.1 TEMA.....	10
1.2 JUSTIFICATIVA.....	10
1.3 OBJETIVOS.....	11
1.3.1 OBJETIVO GERAL.....	11
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
1.4 PERGUNTA DE PESQUISA.....	11
1.5 METODOLOGIA .....	12
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>14</b>
2.1 O QUE É PERFIL EM JORNALISMO.....	14
2.1.1 ORIGEM DO PERFIL.....	15
2.1.2 COMO FAZER UM PERFIL.....	16
<b>3 MEMORIAL DESCRITIVO-ANALÍTICO.....</b>	<b>19</b>
3.1 PRODUTO.....	21
3.1.1 PROJETO EDITORIAL .....	21
3.1.2 PROJETO GRÁFICO.....	22
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>25</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>26</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>33</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um perfil jornalístico com base em teorias acerca do tema, e classifica-se como um projeto experimental. O produto é um site memória que traz o perfil da moradora do Distrito Federal, Allana Krysna Lopes da Silva, que sobreviveu a um acidente, em 2001, e ficou com sequelas de queimaduras pelo corpo.

O corpo enquanto memória: perfil jornalístico de Allana Krysna, sobrevivente de queimaduras, é o título deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A temática - queimaduras e marcas de queimaduras pelo corpo - é mal compreendida e, por vezes, desconhecida pela sociedade. O trabalho tem como propósito elucidar determinados pontos que vão desde o ocorrido acidente, até suas consequências, tanto físicas quanto emocionais e sociais. O objetivo é levantar questões humanitárias, visto que há necessidade de sensibilização para lidar com um assunto tão delicado e relevante. Poucos estudos apresentam a visão de uma pessoa que passa pela vivência de ter sequelas de queimaduras.

A pessoa queimada é negligenciada do ponto de vista social a partir de observações de como ela é incluída na comunidade, reinserida socialmente, se existe preconceito ou acolhimento, entre outras questões. O país, como um todo, não possui infraestrutura completamente adequada para tratar pessoas queimadas em hospitais públicos, embora a saúde pública talvez seja a melhor opção em comparação aos hospitais particulares em sua maioria, já que a equipe de atendimento é extensa (médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos, terapeutas ocupacionais, etc) e não se resume em procedimentos médicos e/ou estéticos.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, “a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação” (Art. 196). Hoje, no Distrito Federal, não há especialização na clínica de queimaduras em todos os hospitais, sendo o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) uma das maiores referências no tratamento de queimaduras, e o único credenciado pelo Ministério da Saúde em toda a rede pública de saúde do Centro-Oeste com a especialidade.

Allana, personagem deste perfil, sofreu acidente na infância, foi tratada no Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) e segue em cuidados até hoje, com 22 anos de idade, passando por dificuldades em seu meio social e preconceitos em todos os

âmbitos da vida. Como uma busca pelo resgate à memória física e emocional de uma pessoa queimada, este trabalho apresenta a realidade vivida pela personagem, com o intuito de informar e sensibilizar quanto ao tema.

O perfil jornalístico produzido foi publicado em um site criado dentro de uma plataforma digital gratuita na internet, o wix. A página foi criada com a finalidade de apresentar este projeto experimental - o perfil de Allana -, e possibilita sua expansão posteriormente, após a apresentação deste trabalho, para planos futuros após a conclusão do curso de Jornalismo. Os planos de continuidade envolvem mais perfis, serviços, matérias publicadas, fotografias, vídeos, relatos e informações.

### **1.1 TEMA**

Perfil jornalístico de Allana Krysna Lopes da Silva, sobrevivente de queimaduras.

### **1.2 JUSTIFICATIVA**

Este trabalho se justifica por ser um requisito para finalização do curso de Jornalismo no Centro Universitário de Brasília (CEUB). Para tal, optou-se por escrever um projeto experimental a respeito do perfil de Allana Krysna, brasiliense que sofreu queimaduras.

A preferência por este assunto como projeto experimental surgiu ao longo da faculdade de Jornalismo durante práticas de reportagens e perfis, e também por questões pessoais vividas através de uma experiência que corresponde ao acontecimento passado pela personagem do perfil deste trabalho.

O tema do perfil - O corpo enquanto memória: perfil jornalístico de Allana Krysna, sobrevivente de queimaduras - surgiu durante a produção de uma pauta, sendo realizada como perfil jornalístico no ano de 2020 e publicada no livro “Sob a luz de Clarice”, projeto da disciplina de Jornal Laboratório do Centro Universitário de Brasília (CEUB), no site da Agência de Notícias, projeto de extensão da mesma universidade, e no Jornal de Brasília. Durante a apuração da pauta, foi possível perceber a desinformação da população a respeito do tema abordado, que se faz importante e necessário para a prevenção e tratamento de queimaduras na pele, assim como para o amparo psicológico e a visibilidade das vítimas que passam por esse acontecimento.

A partir de um olhar jornalístico, aprofundado e crítico, é possível compreender o contexto do perfil apresentado neste trabalho, que explica a existência de corpos diferentes, marcados e constantemente memorados por traumas físicos e dificuldades sociais.

É importante ressaltar que este trabalho não se configura como uma cópia do que já foi feito anteriormente, mas sim uma ampliação e complementação do conteúdo necessário para a formação íntegra do perfil jornalístico, por conter informações mais atualizadas da perfilada.

### **1.3 OBJETIVOS**

#### **1.3.1 OBJETIVO GERAL**

Produzir um perfil jornalístico publicado em website sobre Allana Krysna Lopes da Silva, sobrevivente de acidente com queimaduras.

#### **1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Utilizar o perfil jornalístico como meio de transmissão de informações socialmente relevantes;
- Produzir um perfil jornalístico que contribua com a visibilidade de pessoas sobreviventes de queimaduras;
- Abordar dificuldades e desafios da reinserção de pessoas queimadas à sociedade;
- Refletir sobre queimaduras ocasionadas por acidentes;
- Sensibilizar sobre o comportamento social de pessoas que precisam conviver com o corpo modificado por marcas de queimaduras;
- Refletir sobre a importância do diálogo a respeito da prevenção de acidentes envolvendo queimaduras.

### **1.4 PERGUNTA DE PESQUISA**

De que maneira o perfil jornalístico pode sensibilizar e trazer conhecimentos sociais e sanitários acerca de pessoas com queimaduras?

## 1.5 METODOLOGIA

A metodologia usada neste trabalho baseia-se na pesquisa bibliográfica sobre o perfil jornalístico, sendo este, o produto final do projeto experimental. Segundo Antonio Carlos Gil, a pesquisa tem como finalidade encontrar soluções para um determinado questionamento.

Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. (GIL, 2014, p. 26)

Uma pesquisa bibliográfica apresenta variadas informações e inúmeros dados, e assim existem métodos desenvolvidos de maneira também diferente, que variam de acordo com os objetivos traçados pelo pesquisador. Gil explica a existência de etapas e passos no processo de pesquisa, salientando que não existe uma fórmula a seguir.

As pesquisas sociais, tanto por seus objetivos, quanto pelos procedimentos que envolvem, são muito diferentes entre si. Por essa razão torna-se impossível apresentar um esquema que indique todos os passos do processo de pesquisa. No que parece haver consenso de parte da maioria dos autores, entretanto, é que todo processo de pesquisa social envolve: planejamento, coleta de dados, análise e interpretação e redação do relatório. Cada uma dessas grandes etapas pode ser subdividida em outras mais específicas, dando origem aos mais diversos esquemas. (GIL, 2014, p. 31)

Ao aplicar as etapas propostas pelo autor, é possível orientar-se pela ordem: a primeira etapa é formular um problema; em seguida, construir hipóteses ou determinar objetivos; delinear a pesquisa; operacionalizar conceitos e variáveis; selecionar amostra; elaborar instrumentos de coleta de dados; coletar dados; analisar e interpretar resultados; e, por fim, redigir o conteúdo. Embora seja uma sequência de fases esclarecedoras e completas, “a sucessão destas fases nem sempre é rigorosamente observada, podendo ocorrer que algumas delas não apareçam claramente em muitas pesquisas. Contudo, esse encadeamento de fases parece ser o mais lógico” (GIL, 2014, p. 32).

Após a formulação de um problema na sequência proposta por Gil, a próxima fase (construção de uma hipótese) também contempla o que outros autores propõem para este segmento. A hipótese é uma fase importante na pesquisa, pois colabora

para a obtenção de resultados mais precisos. Segundo Odília Fachin:

A hipótese é entendida como a fase executiva do trabalho científico. Em função dos fenômenos observados ou dos fatos conhecidos, ou fundamentados em dados teóricos a que foi subordinado um projeto de pesquisa, tenta-se adquirir novos conhecimentos. Para quem se propõe a desenvolver uma pesquisa de cunho científico, a norma mais adequada para obter resultados adequados é por meio da elaboração da hipótese. (FACHIN, 2001, p. 61)

Com o objetivo de coletar hipóteses específicas e ampliá-las até a fase de resolução de problemas, as observações empíricas para a elaboração deste trabalho são pautadas na união de dois trajetos sugeridos por Fachin. O primeiro trata-se do surgimento da hipótese a partir de fatos e ideias antecipadas, enquanto o segundo baseia-se em observação de fenômenos:

As hipóteses podem surgir, principalmente, da observação dos fatos ou do estudo das teorias. No primeiro caso, pode decorrer tanto da observação das relações mantidas por meio dos fatos observados, que pode dar origem a uma hipótese, uma ideia antecipada de um conjunto a ser estabelecido, como da observação sistemática dos fenômenos. Naturalmente, não é uma hipótese com firmamento de valores, mas de uma fase de crítica, isto é, com possibilidade de ser submetida a uma apreciação mais acurada para que se transforme numa hipótese empírica e daí passe aos vários procedimentos metodológicos. (FACHIN, 2001, p. 63)

No que diz respeito ao surgimento da hipótese, este trabalho teve início com a observação do comportamento de pessoas que tiveram o corpo queimado por consequência de algum acidente, e sobreviveram. A partir dessa observação, a hipótese que irrompeu foi relacionada às questões socioculturais que permeiam a vida dessas pessoas. As dificuldades em relacionamentos, reinserção social e trabalhista, os preconceitos e dificuldades de auto aceitação, são questões comumente percebidas. Ademais, a hipótese transformou-se em afirmação, visto que as queimaduras deixam marcas no corpo além de outros tipos de sequelas, portanto é sempre uma memória viva para as pessoas que se queimaram.

Com os relatos de sobreviventes, as notícias de acidentes envolvendo queimadura nos jornais, a aproximação com essas pessoas, e os números oficiais apurados, são etapas importantes para o surgimento e constatação da hipótese inicial.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo vamos abordar teorias que servem como base para a produção deste projeto experimental - um perfil como gênero jornalístico.

### 2.1 O QUE É PERFIL EM JORNALISMO

Sérgio Vilas-Boas considera o perfil como um gênero nobre do Jornalismo Literário. Ainda que haja dúvidas a respeito do enquadramento do perfil em possíveis gêneros jornalísticos, o perfil pode ser resumido em um tipo de texto biográfico. Os perfis, antes de adentrarem o jornalismo, já existiam nos primórdios da pintura de modelos vivos, onde o artista expressava características do modelo em questão de acordo com a percepção que tinha. As características seguiam para as telas uma a uma, numa construção identitária singular, que juntas formavam ali, uma pessoa inteira, visualmente falando.

Porém, na arte pintada, o artista vislumbra a pessoa em sua fisionomia, enquanto na arte do perfil, o jornalista enxerga a pessoa como história. Segundo Vilas-Boas, “o perfilado não é exatamente um modelo em pose” (2003, p. 19), pois a arte do perfil consiste em contemplar uma pessoa para além do que se vê.

Cada ser humano tem um perfil, assim como cada perfil só pode ser sobre um ser humano. Se a individualidade fosse banida do mundo e os humanos não passassem de robôs programáveis, sem estilo nem identidade, o texto do tipo perfil simplesmente não existiria. O perfil expressa a vida em seu contexto. Atém-se à individualidade, mas não se restringe ao individualismo anedótico, folclórico, idiossincrático. (VILAS-BOAS, 2014, p. 271)

O perfil é focado em um único indivíduo, que possui singularidades, características pessoais, personalidade, cultura, valores e uma bagagem de vida que o diferencia dos demais. Sendo assim, seria impossível criar um perfil jornalístico de coisas, objetos e lugares. Embora estes também possam trazer a memória como arte do produto final, não se enquadram como perfil, mas sim como reportagem.

Claro que você pode fazer uma reportagem ou uma crônica sobre um lugar, um edifício, uma época, e tentar desvendar a cultura, a personalidade e a alma do tal lugar, do tal edifício, da tal época. Mas aí ou é reportagem, ou crônica, ou um híbrido de cunho autobiográfico. Perfil, não. (VILAS-BOAS, 2014, p. 272)

O texto-perfil deve abranger técnicas que destaquem o personagem de forma que o leitor possa visualizar sua história de maneira detalhada. A subjetividade faz parte da essência. É um texto que permite viajar em um espaço de tempo além do presente e factual. Como cita Paulo Roberto Assis Paniago, “um texto que se detém naquilo que deveria ser a essência do relato jornalístico — o ser humano em sua trajetória através da vida —, com destaque não para os eventos nos quais esse humano se envolve, mas para a visão de mundo que a pessoa certamente possui, chama-se perfil” (2016, p. 25).

### 2.1.1 ORIGEM DO PERFIL

O perfil jornalístico não tem data de nascimento exata, também não foi criado por uma única pessoa, nem foi inventado de uma hora para outra. Diferentemente da estruturação do texto jornalístico da pirâmide invertida, criada pelo austríaco Carl Tiuí Hummenigge durante a Primeira Guerra Mundial, o perfil não surgiu para trazer objetividade no corpo de um texto jornalístico. Ele também não segue etapas burocráticas entre apuração e produto, nas quais o jornalismo factual precisa atravessar nas grandes redações, onde o processo de produção envolve várias pessoas - como pauteiros, fotógrafos, editores, repórteres, designers, etc.

A maneira mais simples de tentar definir o perfil jornalístico, é dizer que é uma vertente do *New Journalism* (Novo Jornalismo) norte-americano, iniciado no século passado como uma mistura entre literatura e narrativa jornalística. A revista *The New Yorker* foi responsável pela publicação de um perfil que fez o gênero se popularizar, principalmente na escrita sobre celebridades, como, por exemplo, a publicação de Truman Capote de um perfil sobre Marlon Brando, com o título de “O Duque em seus Domínios”.

Quanto ao gênero do perfil jornalístico, Passos (2017, p. 24) escreve que “[...] foi criado e cultivado pela *The New Yorker* desde o seu lançamento, em 1925 – o termo ‘Profile’ foi sugerido ao fundador Harold Ross pelo repórter James Kevin McGinness [...]”.

De acordo com Mariana Carolina Mandelli (2007), um dos nomes mais importantes que marcam o Novo Jornalismo e o perfil como gênero jornalístico no Brasil, é o de Joel Magno Ribeiro Silveira, que escrevia seus textos de maneira mordaz e irônica sobre pessoas de grande notoriedade política entre as décadas de 40 e 60.

Embora tenha ficado conhecido atuando no jornalismo de guerra, o que se reconhece em obras como *O Inverno da Guerra* (2005), da editora Objetiva, Joel Silveira destacou-se também pela peculiaridade e sensibilidade para escrever perfis, tanto de anônimos como de “notáveis”. Seu talento em apreender a personalidade de seus entrevistados de maneira primorosa, traduzindo em palavras as características pessoais dos indivíduos, revelou o jornalista como o maior realizador do gênero perfil no Brasil. Sua habilidade em usar o jornalismo com atributos presentes na literatura para escrever perfis é um aspecto da imprensa brasileira que merece ser discutido. (MANDELLI, 2007, p. 3)

Ao longo dos anos, o perfil ganhou destaque mais em revistas do que em jornais, mesmo que não haja uma razão concreta que comprove esse argumento. De acordo com Paniago:

Revistas estão localizadas a meio caminho entre a perenidade do livro e a efemeridade da página do jornal. Podem ser colecionadas, por exemplo, e muita gente fez e continua a fazer isto: guardá-las na estante, para depois ler aos poucos. Revistas servem como lastro cultural, para mostrar o que e como pensa uma comunidade. Ao mesmo tempo, são um empreendimento comercial que visa lucro. Embora importantes, não há muitos estudos que se concentrem sobre esse legado. (PANIAGO, 2016, p. 84)

Ainda que o perfil como gênero literário não seja perpetuado nas grandes redações, o nome mais conhecido atualmente onde há publicações é a *revista piauí*, lançada em 2006 em parceria com a Folha de S. Paulo<sup>1</sup>.

### 2.1.2 COMO FAZER UM PERFIL

Escrever um perfil jornalístico não é como fazer uma receita pronta. Pelo contrário, fazer um perfil requer coragem de experimentar uma receita nova, sair da zona de conforto. É preciso sair, pois é mais simples permanecer no jornalismo cotidiano, afinal, mesmo que o perfil como gênero jornalístico já tenha se consolidado no país, ele não é difuso nas redações. Há editorias comportamentais, colunas de opinião, mas não cabe o perfil nos grandes jornais, pois é necessário mais do que atualmente podem oferecer.

Para adquirir segurança na missão de perfilar, é preciso estar ciente de que: o texto enriquecido com recursos literários perdeu importância no jornalismo tradicional; houve uma redução brutal dos quadros de jornalistas nas redações; os orçamentos para produção de matérias especiais estão praticamente fora das previsões das empresas; e, claro, falta de tempo para investigar, de espaço para aprofundar e de mentores para incentivar. (VILAS-BOAS, 2003, p. 28)

---

<sup>1</sup> Os perfis da revista podem ser acessados em <https://piaui.folha.uol.com.br/tag/perfil/>



Antes de tudo, é importante entender que o perfil deve buscar além da informação, a empatia e a reflexão. Se colocar no lugar do outro e tentar se imaginar na mesma situação, buscando esboçar sentimentos semelhantes, é o caminho mais certo para trabalhar. O ser humano é repleto de complexidades que podem ser exploradas dentro de um perfil, pois fazê-lo “reside exatamente na vida presente que possui um passado” (VILAS-BOAS, 2014, p. 274).

Em relação à narrativa, a decisão é do autor. É possível explorar todas as características do personagem, até mesmo dos que preferem o silêncio. A qualidade da representação e da história dependem exclusivamente do autor, e da maneira como ele conduz a interação com o personagem.

Outro aspecto importante: o problema de narrar não é do personagem, e sim do autor do perfil. Por incrível que pareça, o personagem em si não é decisivo para a qualidade da narração, mas, sim, a competência do autor em lidar com o personagem e com a narração. Escapismo justificar que o personagem é isso, aquilo, comum, igual, anônimo, caladão, etc.; ou que a história dele/dela é fraca e que, “por isso, a coisa não funcionou entre nós”. Pare com isso. O problema de narrar é sempre do autor. De ninguém mais. (VILAS-BOAS, 2014, p. 273)

Os estudos sobre o tema apontam que o perfil é a mistura perfeita de literatura com jornalismo. Mas é preciso saber e consertar quando o texto está heterogêneo, pendendo demais para um lado ou para o outro. Afinal, é muito fácil associar literatura à ficção. E jornalismo não é ficção. A literatura é fácil de ser identificada, como pontua Paulo Paniago:

É importante mencionar, ainda, que o tratamento dado ao tema do personagem dentro do âmbito do perfil é distinto daquele adotado pela categoria do “tipo”, tal como conceituado pela teoria literária. O tipo literário é uma síntese de várias características facilmente reconhecíveis, o que o aproxima muito de uma caricatura. Esse não é, absolutamente, o caso do tratamento adotado pelo perfil, que prefere trabalhar nas características de singularidade dos personagens retratados. (2016, p. 26)

O autor deve criar uma atmosfera de possibilidades e não se focar apenas em ter perguntas respondidas, de maneira fácil e automática. Todo jornalismo requer investigação, mas para o perfil também é necessário o aprofundamento. Fazer um perfil não pode ser uma atividade rápida, como uma notícia de última hora. “Para produzir um bom perfil, é preciso pesquisar, conversar, movimentar, observar e refletir.

Tudo dentro do possível, claro, pois cada caso é um caso” (VILAS-BOAS, 2014, p.274).

É necessário ouvir, observar com atenção, e não só o personagem, mas também tudo que o cerca, incluindo pessoas que fazem parte da vida dele - é importante ouvir essas pessoas também. Além da técnica de apuração e edição do material, o autor deve usar todos os sentidos para captar as imagens, o som, os cheiros, as cores, a voz do personagem, e também o silêncio.

### 3 MEMORIAL DESCRITIVO-ANALÍTICO

Este Trabalho de Conclusão de Curso é um perfil jornalístico que foi desenvolvido durante a disciplina de Jornal Laboratório em 2020, no Centro Universitário de Brasília (CEUB), e publicado no livro “Sob a luz de Clarice”, no site da Agência de Notícias da universidade, e no Jornal de Brasília.

A construção de *O corpo enquanto memória: perfil jornalístico de Allana Krysna, sobrevivente de queimaduras*, teve início na internet, pelo perfil no *Instagram* do projeto “O corpo enquanto memória”, que aborda relatos de pessoas que sobreviveram a queimaduras no corpo. Dessa forma, o primeiro contato com Allana foi pela rede social, onde ela contou, resumidamente, a história de seu acidente doméstico que ocasionou as queimaduras.

Durante a elaboração da pauta para o perfil jornalístico do livro “Sob a luz de Clarice”, já havia sido feita uma pré apuração do tema, já que, por ter iniciado como um projeto pessoal anteriormente, havia informações complementares à pauta, como as hipóteses levantadas acerca do assunto.

O trabalho seguiu com o levantamento de dados divulgados em sites oficiais, como do Ministério da Saúde, Revista Brasileira de Queimaduras, Secretaria de Saúde, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Associação Nacional dos Amigos e Vítimas de Queimaduras (Anaviq), na internet, e com pesquisa em sites de notícias.

Para a execução das entrevistas, foram utilizados os princípios das quatro partes presentes em um perfil, sugeridas por Sergio Vilas-Boas: lembrança, circunstância, interação e espaço. No que diz respeito à lembrança, foi feito um resgate sobre o acontecimento do acidente e a história de vida, com relatos de Allana e da família, o que inclui a circunstância na qual ocorreu nosso encontro, principalmente marcada pela percepção de momentos decisivos quanto à narrativa e o que eu pude captar do momento para a produção do perfil. A interação foi marcada pelo nosso diálogo e pela forma como conduzi a conversa e como ela se comportou, incluindo suas expressões e gestos. E por último, o espaço utilizado foi a residência de Allana, local onde ocorreu nosso primeiro encontro mais duradouro de acordo com as etapas a seguir.

Foi marcado o primeiro encontro com Allana em sua residência para entrevistas e conhecimento de ambiente. A conversa teve início com perguntas objetivas e

abertas, dando liberdade à entrevistada de falar e se expressar livremente, para, aos poucos, se sentir à vontade. Observei a disposição dos móveis na casa, as expressões, gestos, e a rotina da entrevistada.

Após esse primeiro contato, o encontro seguinte aconteceu dias depois, com a família de Allana. Primeiramente com a avó Heleda de Matos Silva e com o avô, Sizenando Lopes da Silva, no local onde residiam. Foram feitas tentativas de conversar com a irmã que presenciou o acidente, mas esta não aceitou participar, nem dar entrevista. Alguns dias depois, foi feito um encontro com Valéria Aparecida Lopes da Silva, mãe de Allana. A conversa ocorreu no local de trabalho - o salão de beleza onde era manicure. Outros integrantes da família e os amigos não se sentiram à vontade para dar entrevista e por isso eles não são citados no texto, todavia o silêncio deles reforça o quanto é difícil abordar o assunto, pois nem todas as pessoas sabem o que dizer e tem medo da repercussão.

Com as informações levantadas até aquele momento, a próxima entrevista foi com a terapeuta Rosa Irlene Serafim, também em seu ambiente de trabalho, entre as consultas com pessoas queimadas, na Clínica Nelson Piccolo, localizada em Brasília-DF, na época da entrevista. Alguns profissionais da saúde que foram contatados no início não responderam aos questionamentos, ou não puderam participar das entrevistas.

Os encontros seguintes com Allana ocorreram a fim de complementar materiais faltantes e para observações em profundidade. Além disso, as fotos de Allana para o perfil também foram feitas, consentidamente. Ao longo do colhimento das informações, o texto para o perfil jornalístico já estava sendo montado. O período de apuração e coleta de dados foi de aproximadamente quatro meses no total.

Passado esse tempo, o perfil estava pronto para edição. Ajustes foram feitos e o texto foi publicado no livro “Sob a luz de Clarice”. O material ficou pronto e foi divulgado em janeiro de 2021. Em seguida foi publicado no site da Agência de Notícias e no Jornal de Brasília.

O projeto “O corpo enquanto memória” ficou pausado devido à pandemia do novo coronavírus. No segundo semestre de 2021, decidi dar continuidade ao perfil de Allana para este trabalho final. Tendo o reconhecimento de que o retorno a um perfil que já foi feito é arriscado – pode-se dizer que é difícil coletar informações e diálogos diferentes dos entrevistados, uma vez que eles já foram questionados sobre o mesmo tema –, decidi aprofundar os conhecimentos em relação à prática de um perfil

jornalístico e tentar complementar com o que pudesse ser feito, afinal a história de Allana é bastante significativa devido ao peso que carrega nos relatos e à história de como ela lida com isso atualmente. Coletei dados atualizados e pude marcar apenas outros dois encontros com ela, pois a pandemia da covid-19 dificultou uma maior convivência. Os encontros, sendo o último um jantar em ambiente descontraído, e a nova pesquisa foram suficientes para atualização do perfil jornalístico.

Durante a realização deste TCC, após estar finalizado e atualizado, montei um *website* gratuito na plataforma *wix* para apresentar o perfil de Allana Krysna de maneira online. Allana consentiu com sua aparição pública.

### **3.1 PRODUTO**

O produto final deste Trabalho de Conclusão de Curso é um website que traz um único perfil jornalístico - o de Allana Krysna Lopes da Silva.

Link para acesso: <https://corpoenquantomemoria.wixsite.com/inicio>

#### **3.1.1 PROJETO EDITORIAL**

O projeto editorial deste TCC apresenta a concepção do produto final e traz orientações de como foi produzido, desde o planejamento do tema, passando pela escolha do formato, decisão do personagem e local de publicação.

A publicação tem como título principal “O corpo enquanto memória”. Já a escolha do título do perfil foi feita de maneira simples e direta, apenas com o nome da personagem, pois o título do projeto abrange o conteúdo abordado, e também porque se trata de um projeto que terá continuidade após a apresentação deste trabalho.

A apresentação do perfil de Allana tem como objetivo despertar o interesse para as questões abordadas no trabalho, além de pontuar os desafios vividos por uma pessoa que sobreviveu a um acidente e teve o corpo marcado por cicatrizes.

Além disso, o tema deve estimular sensibilidade e senso de empatia, aproveitando a narrativa para trazer informações pertinentes à população, por se tratar de um tema pouco mencionado entre as pessoas.

De forma suavizada, o trabalho chama atenção para o peso do conteúdo, podendo ser lido por qualquer pessoa e cultivando questionamentos e senso crítico inéditos nos interessados.

O canal de publicação elegido foi uma plataforma gratuita na internet - o site *wix* -, escolhida pela facilidade de edição, uma vez que existem modelos prontos que

podem ser modificados e preenchidos com conteúdo de acordo com preferências próprias, e também pela facilidade de acesso, já que está disponível online para qualquer pessoa, seja pelo computador ou smartphone.

Após o término deste trabalho, o site deve abranger outros perfis de pessoas que se queimaram, sendo dedicado exclusivamente ao tema. A plataforma conterá perfis, informações, serviços, matérias publicadas, entre outros. O site será associado à página no *Instagram* - rede social voltada para imagens e vídeos online -, que está em funcionamento, mas não foi vinculada ao Trabalho de Conclusão de Curso, pois o tema central é a entrega de um único perfil jornalístico.

### 3.1.2 PROJETO GRÁFICO

O projeto gráfico deste trabalho final diz respeito às escolhas feitas para a composição do canal escolhido para a divulgação do perfil jornalístico, incluindo toda a parte de editoração online.

A plataforma escolhida para apresentação do perfil, como dito anteriormente, é o *wix*, devido à facilidade de edição do trabalho e de leitura posterior.

O website é composto por quatro abas: “Início”, “Perfil”, “Serviços” e “Autoria”, respectivamente. A primeira aba é composta pelo título do projeto - “O corpo enquanto memória” -, contendo um recorte da imagem em preto e branco da personagem como plano de fundo. A imagem é utilizada em todas as abas. Abaixo do título, foram inseridas duas frases. A primeira é uma introdução ao perfil de Allana, que resume do que se trata o perfil, e a segunda é uma explicação sobre o formato posterior do projeto.

A segunda aba é composta pelo título “Allana Kryсна” e o texto do perfil jornalístico, acompanhado de fotos da perfilada, que também foram tiradas e editadas pela autora do projeto. Já na terceira aba, existe o título “Serviços”, onde há informações sobre cuidados, com *links* de cartilhas de prevenção e o contato do hospital que atende pessoas queimadas em Brasília-DF.

A quarta e última aba apresenta um pequeno texto explicando resumidamente a trajetória da autora até a iniciação do projeto, acompanhando de uma foto da mesma, e do *e-mail* para contato

As cores escolhidas foram pensadas em concordância com o tema, que se trata de queimaduras, e com o conceito de edição de Vitché Palacin:

A intenção é depurar para restar o melhor, e criar uma conexão entre as fotos quando é um projeto que envolva um conjunto de imagens que forma o todo, no qual cada uma está composta por signos, repertórios, linguagens estéticas, qualidade técnica, entre outras variantes, que irão definir um caminho para a edição. (PALACIN, 2012, p.74)

Pensando nisso, o caminho para a escolha das imagens em preto e branco foi com o objetivo de trazer atenção às marcas contidas no corpo da personagem, de forma que nenhum outro elemento seja captado pelo leitor e o foco seja mantido na pessoa em si e no corpo carimbado de histórias de vida.

A parte onde há cores no trabalho, foi escolhida pensando em dar destaque apenas aos títulos e informações importantes, que devam chamar uma atenção maior do leitor. A cor selecionada foi um tom entre o vermelho e o rosa, codificada no website como “#FE6161”. Essa escolha teve um resultado que traz leveza, sensibilidade e destaque, além de contrastar bem com os tons de preto, branco e cinza, que compõem o site.

Em relação às fontes utilizadas, foram escolhidas Lulo Clean e Montserrat para títulos e subtítulos/textos em destaque, respectivamente. Para o corpo do texto do perfil, a fonte é a Roboto Bold. Todas as escolhas foram feitas pensando em destaques amigáveis, que combinassem com o tipo de leitura. Especificamente para o texto, a fonte é simplificada e destacada, uma vez que a leitura é prolongada e a intenção é de captar o leitor até o final, evitando cansaços. Ainda no texto do perfil, as letras são destacadas com cor de fundo para contrastar com a imagem por trás e não atrapalhar a leitura.

No que diz respeito às fotografias, estas foram tiradas e editadas pela autora do TCC. Os conhecimentos utilizados foram colhidos ao longo do curso e de disciplinas de fotografia, além da experiência proveniente de outros trabalhos e projetos ao longo dos anos. A câmera fotográfica utilizada na captação das imagens da personagem foi a Canon EOS Rebel XS. Duas lentes foram escolhidas, a 50mm para captação de detalhes, e a 18-55mm para um panorama direto da personagem. Todas as edições foram feitas pelo aplicativo Adobe Lightroom.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este Trabalho de Conclusão de Curso foi possível o aprofundamento dos conceitos básicos sobre perfil como gênero literário e jornalístico, assim como sua aplicação na prática, tendo como resultado final um projeto experimental em plataforma *online*.

Foi possível acompanhar o passo a passo necessário para a produção de um perfil jornalístico, como a apuração feita, as observações e hipóteses criadas, até a pergunta de pesquisa. A partir daí, foi possível entender a escolha da personagem, as motivações para o formato em questão, o levantamento de informações e toda a organização do conteúdo até sua publicação.

Além da parte teórica, pode-se concluir que o tema escolhido é de suma importância, no que diz respeito ao formato jornalístico, mas principalmente por ser um assunto que necessita atenção da sociedade como um todo. O conteúdo destaca a falta de visibilidade da pessoa queimada como um indivíduo social, além de chamar atenção para elementos importantes de cunho informativo, como dados estatísticos e prevenção de acidentes.

Dessa forma, é viável concluir sobre a importância do atendimento adequado à pessoa queimada, bem como o vínculo com a sociedade e a necessidade de abandono de preconceitos aos diferentes.

Este TCC atendeu aos requisitos necessários para sua formação, cumprindo os objetivos listados e contemplou a metodologia, teorias e prática, resultando um perfil jornalístico intitulado de “O corpo enquanto memória: perfil jornalístico de Allana Krysna, sobrevivente de queimaduras” e publicado em site por meio da plataforma digital *wix*.

O trabalho teve resultados positivos, no âmbito profissional e no pessoal, visto que abordou uma temática extensa quanto ao tamanho e relevância. Foi possível entender e refletir aspectos comumente desconhecidos da vida de uma pessoa queimada, e desenvolver um projeto que futuramente servirá como base informativa, memorial, e de prestação de serviços à sociedade.



## REFERÊNCIAS

- CARRARO, Renata; KÜNSCH, Dimas A.; LEMOS, Jaqueline. **O berço material do perfil jornalístico**. Anais do 17º Encontro Nacional da SBPJor. Goiânia, GO, nov. 2019. Disponível em:  
<http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2019/paper/viewFile/2040/1200>
- FACHIN, Odilia. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. - São Paulo: Saraiva, 2001.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2014.
- MANDELLI, Mariana Carolina. **O Perfil Jornalístico – Um Gênero Em Discussão Na Obra De Joel Silveira**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos. 2007; Disponível em  
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r2175-1.pdf>
- PALACIN, Vitché. **Fotografia: teoria e prática**. - São Paulo: Saraiva, 2012
- PANIAGO, Paulo. **Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas *The New Yorker e Realidade***. 2016. xi, 456 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência Política)-Universidade de Brasília, Brasília, 2016.; Disponível em:  
<http://repositorio.unb.br/handle/10482/22309>
- VILAS-BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. - São Paulo: Summus, 2003. - (Novas buscas em comunicação; v. 69)
- \_\_\_\_\_ **Perfis: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio**. – 3. ed. – Barueri, SP: Manole, 2014.

## APÊNDICE A

### Perfil de Allana Krysna

O corpo marcado evidencia a dor que sofrera depois de riscar um palito de fósforo sentada no chão de sua cozinha. O fogo logo se espalhou pelo corpo todo. Nesse momento, Allana Krysna Lopes da Silva entrava na estatística média de 111 mil crianças internadas no Brasil por ano em decorrência de acidentes domésticos, de acordo com o DataSUS, departamento de dados do Sistema Único de Saúde (SUS). Os dados também apontam que só em 2019 foram aproximadamente 113 mil crianças internadas, vítimas de algum acidente em casa. Entre elas, mais de 21 mil foram hospitalizadas devido a queimaduras. Em Brasília, a média é de 270 pacientes internados por ano por conta de queimaduras graves.

“Eu não quero ser vista como apenas uma vítima, eu sou uma sobrevivente”, dizia ela pressionando as coxas queimadas à mostra. “O principal não é o que eu passei, e sim o que eu faço a respeito”. A família lembra que tudo aconteceu muito rápido. O ano era 2001. Ela estava em casa com a irmã de quatro anos sob supervisão da babá no dia do acidente. Como não havia mais ninguém na casa, o que se sabe é que a irmã, Adrienne, havia esbarrado a porta da geladeira no armário azul da cozinha durante uma tentativa de pegar um doce. Nesse momento, uma caixa de fósforos caiu, Allana teve curiosidade, começou a brincar com a caixa e riscou um palito, o que se transformou em chamas no vestido e na calça de moletom que usava.

“No momento que aconteceu o acidente da Allana, eu tinha ido levar meu sobrinho pra escola e tinha ido buscar o pão e o leite que nós recebíamos do governo”, lembra Valéria Aparecida Lopes da Silva, mãe de Allana, que tinha 24 anos na época. Quem deu a notícia que a deixou em estado de choque foi uma vizinha. Como não havia muro entre as casas, Adrienne correu para pedir ajuda dos vizinhos que prestaram o socorro inicial, envolvendo a menina em panos e rolando-a na terra. Quando Valéria chegou em casa, em Planaltina (DF), a filha já havia sido levada de carro para o Hospital Regional de Planaltina (HRP) e a babá havia fugido. Valéria se mudou dois anos depois, pois não suportava entrar mais na mesma casa em que a filha se acidentou. “Eu fiquei sem acreditar”. Ela foi a pé de lá até o hospital, estarecida. Ao chegar, Allana estava sendo atendida na emergência e tendo suas

roupas removidas. O acidente causou queimaduras no braço esquerdo, tórax, barriga, mamas, coxas, maxilar, orelha esquerda, mão esquerda e uma parte das costas de Allana. “Quando cheguei lá, ela estava gritando porque não queria que tirassem o sapatinho dela”. A menina, que tinha menos de dois anos, foi transferida de ambulância para o Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), hospital referência em tratamento de pessoas queimadas em Brasília e no Centro-Oeste. O percurso é de aproximadamente 40 quilômetros.

Independente da distância, ao saberem que a caçula da família se acidentou, os parentes não mediram esforços para chegarem ao hospital. O avô Sizenando Lopes da Silva, que antes já tinha trabalhado como palhaço de circo, parou de sorrir quando recebeu a notícia de que a neta provavelmente não sobreviveria aos 47% de queimaduras pelo corpo. “O senhor é Deus, doutor?”, disse o avô na ocasião, se agarrando na fé de que a neta conseguiria superar o acontecimento.

O doutor não era Deus, e ela sobreviveu. Com idade de apenas 1 ano e 10 meses, depois de 93 dias internada e 15 cirurgias. Allana não respondia a nenhum estímulo ou tratamento. Eram inúmeras crises convulsivas, fortes medicamentos intravenosos, vômitos, febres altas, picos de hipertensão e, como se não bastasse, uma infecção hospitalar. O tempo no pós-cirúrgico com ferida coberta apenas por ataduras, provocou uma bactéria e o surgimento de uma extensa área necrótica nas queimaduras da região abdominal.

Mas ela sobreviveu. Mais do que sobreviver, Allana resolveu fazer da vida um abraço a quem precisar. Ela usa as redes sociais para contar a própria história, encontrar e ajudar quem não sabe o que fazer com a dor. Entre mensagens e ligações, Allana se vê em contato com filhos queimados, mães queimadas, gente acidentada, mulheres quase assassinadas. Todos com histórias diferentes e dores iguais. Ela também busca explicar a importância da prevenção, já que mais de um milhão de crianças foram internadas vítimas de acidentes nos últimos 10 anos no Brasil, de acordo com dados do Ministério da Saúde.

Com a chegada da pandemia do novo coronavírus, o número de acidentes domésticos aumentou devido ao maior tempo que as crianças ficam em casa durante a quarentena. Por esse motivo, a Secretaria de Justiça e Cidadania (Sejus) lançou uma cartilha com dicas de prevenção, em parceria com a Sociedade Brasileira de Queimaduras e a ONG Criança Segura Safe Kids Brasil. O documento, divulgado logo depois do início da pandemia, está disponível no site oficial do Sejus e contém

informações sobre prevenção, primeiros socorros e os locais da casa com maior incidência de acidentes. Mesmo assim, a Ala de Queimados do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), atendeu quase 10 mil pacientes com queimaduras durante a pandemia, em 2020. Por conta do álcool, foram 52 pessoas internadas.

“Quando acontece um acidente, as pessoas só querem saber da tragédia em si, não querem saber do antes, muito menos do depois. Como o incêndio do Flamengo, no Ninho do Urubu. Ninguém fala da dificuldade que o queimado tem de conseguir um emprego depois do acidente. Ele não consegue”, desabafou Allana. O número de crianças internadas por acidentes domésticos anualmente no Brasil é capaz de lotar dois estádios de futebol”.

A invisibilidade da pessoa queimada vai além de suas cicatrizes, sendo pesada principalmente na influência dos aspectos socioeconômicos. O acesso à informação sobre atitudes preventivas em casa e no trabalho nem sempre contempla a sociedade como um todo, uma vez que grande parte dos acidentes de trabalho com queimaduras envolve principalmente homens adultos de baixa renda e que trabalham com eletricidade, como aponta pesquisa de um artigo publicado na Revista Brasileira de Queimaduras em 2014.

Encostada no sofá de casa e olhando para um terço em cima do rack, Allana se lembra da época da escola. Por volta dos nove anos de idade foi quando mais sofreu preconceitos. Ela queria que os outros aceitassem suas cicatrizes da mesma forma que ela aceitava. “Um dia eu peguei um livrinho de orações e quando abri era uma oração para atrair amigos. Eu lia todos os dias, porque pra mim, ter amigos era mais importante do que ter marcas”. Ela não só não tinha amigos, como também não tinha recursos para o tratamento adequado, como a maioria dos que se queimam. Valéria trabalhava com carro de mensagens na época, e o que recebia não era o suficiente nem para abastecer e levar Allana nas trocas de curativos três vezes por semana no HRAN, nem para a fisioterapia nos outros dois dias no Lago Sul, bairro nobre da cidade. Por esse motivo, elas iam de carona.

Allana se viu sozinha durante boa parte da vida. “Até os meus 15 anos, eu não tinha nenhum amigo. As pessoas que se aproximavam de mim sempre tinham algum interesse por trás. Elas não queriam a minha amizade, porque eu era queimada”. Além dos poucos amigos, Allana também cresceu sem pai presente. Filha de bombeiro, quando se queimou, mal sabia da ironia que a vida pregara. Durante anos buscou comprovar a paternidade em busca de esclarecimentos e algum tipo de ajuda, já que

a família não tinha condições de arcar com eventuais despesas extras para tratar as queimaduras. Em tom de conformação, mas também estarecida, ela conta que o teste de DNA deu negativo, após inúmeras tentativas de convencer o possível pai a fazer o teste. “Eu nunca entendi essa enrolação toda pra fazer o teste, até porque se ele tinha certeza que não era meu pai, não precisava de tanto mistério. Poderia ter resolvido logo, mas tudo isso é muito estranho. Eu tenho a sensação de que aconteceu algo errado no processo”. Com um resultado positivo, Allana tem certeza de que o tratamento das queimaduras seria melhor pelas condições financeiras do bombeiro. Além das mais de 20 mil crianças internadas por queimaduras no Brasil, Allana também havia entrado na estatística de mais de 5,5 milhões de adultos que nunca tiveram o reconhecimento do pai biológico. Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O sentimento de impotência de Allana sobre não mudar o que não pode ser modificado, também é percebido em profissionais de saúde, a partir do momento em que uma vítima de queimaduras não tem condições de continuar um tratamento. Entre ataduras, se veem de mãos atadas. Pode ser por falta de dinheiro para um curativo, um remédio ou até para a passagem de ônibus do paciente. Rosa Irlene Serafim, terapeuta ocupacional e presidente da Sociedade Brasileira de Queimaduras em Goiás, relata que é impossível não alinhar o fator social com o de saúde para tratar um paciente. “Quem trabalha com a reabilitação, tentando interagir e devolver essa pessoa para a sociedade, trabalha até com mais questões sociais do que com o tratamento em si. Essa pessoa vai sofrer dificuldades e preconceitos para ser reinserida no mercado de trabalho”. Rosa também se queimou em casa quando criança e decidiu que queria trabalhar e lutar pela causa durante a faculdade.

Desde então, dedica-se inteiramente ao trabalho no hospital e aos projetos envolvendo os queimados, como o acampamento Camp Samba, onde é diretora de Planejamento Estratégico e Gestão de Pessoas. O projeto busca reunir crianças e adolescentes sobreviventes de queimaduras para a construção de autoconfiança, fazer novos amigos e deixar as cicatrizes de lado para brincar. O acampamento é gerido por voluntários e financiado por doadores. Além disso, Rosa também faz parte do Núcleo de Proteção aos Queimados, instituição não governamental sem fins lucrativos que busca apoiar e reabilitar sobreviventes baixa renda, educar profissionais ao tratamento de pacientes queimados e realizar campanhas e ações beneficentes em prol deles. Ela chama a atenção para a preocupação que as pessoas queimadas

que se expõem em redes sociais devem ter. “Essas pessoas precisam ter certeza de que estão emocionalmente preparadas para receber o pedido de ajuda de novos queimados. Elas podem ajudar e compartilhar histórias, mas apenas o profissional da área é que pode exercer o tratamento adequado. Nem toda queimadura é acidental e isso não é fácil de lidar”.

O alerta e as vivências que presenciou nas redes sociais fizeram Allana se deparar com situações graves de desespero e abandono. No momento desta entrevista, ela recebeu uma mensagem no celular com um pedido de ajuda. Era uma mulher que, assim como ela, havia se queimado quando era criança, mas não recebeu suporte familiar ou social. A moça falava em suicídio. “Eu recebo mensagens assim todos os dias. É muito triste e desesperador, mas o que eu posso fazer é consolar e confortar. Às vezes eu ligo pra essas pessoas pra conversar. É mais fácil de ajudar quando você sabe exatamente como é essa dor. Então eu me sinto psicologicamente pronta pra lidar”.

Allana aprendeu sobre resiliência dentro de casa todos os dias em que sofria enxurradas de humilhação na rua e era recebida com doses de amor, carinho e admiração por sua mãe e sua avó Heleda de Matos Silva, que erguia uma bandeira com fitas coloridas na cozinha onde a neta se acidentou enquanto me contava da promessa de Folia de Reis que fez para que Allana se recuperasse na época e saísse viva. Heleda carregava a bandeira pelas ruas para arrecadar o dinheiro que ajudaria no tratamento da neta. No dia que recebeu alta, Allana saiu toda vestida de branco do hospital. De volta para casa, a “capivarinha do vovô”, como era carinhosamente chamada pelo avô, quis ir embora em cima de um velotrol no banco do Fiat 147 que ele tinha dirigido para buscá-la. Essa é a única lembrança de Allana da época do acidente.

O dinheiro que Heleda arrecadou entre andanças por Goiás com a neta recuperada serviu para a compra da primeira malha compressiva de Allana. Na época, a malha não era oferecida pelo SUS, o que fez com que ela sofresse retração cicatricial, acarretando grande dificuldade para o desenvolvimento normal da pele. Atualmente a malha compressiva é disponibilizada pela rede pública apenas em algumas regiões brasileiras. Em Brasília, de acordo com relatos de pacientes em reabilitação, a malha nem sempre é entregue. Os hospitais alegam falta de verba para a compra de material em larga escala.

Mesmo com cicatrizes cobrindo quase metade do corpo, Allana não se esconde. “Quanto mais eu me mostro e conto a minha história, mais pessoas vão saber que os queimados existem. Nós não temos ninguém como referência de pessoa queimada. A inclusão também precisa existir pra gente. As campanhas inclusivas que vemos hoje em dia nunca incluíram um queimado. Isso é triste.”

A Associação Nacional dos Amigos e Vítimas de Queimaduras (Anaviq) criou um abaixo-assinado em novembro do ano passado para pressionar a Frente Parlamentar Mista em Defesa da Prevenção de Queimaduras e Atenção Global ao Paciente Queimado, na inclusão da pessoa com sequelas de queimaduras na Lei de PcD, uma vez que a queimadura ocasiona traumas físicos, sociais e emocionais, trazendo consequências que muitas vezes limitam as oportunidades disponíveis à vítima.

No Brasil não existe especialização médica para tratamento de pacientes queimados em todos os hospitais. A residência médica na área existe apenas na Escola Paulista de Medicina, na Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais, e no Curso Nacional de Normalização de Atendimento ao Queimado, oferecido pela SBQ. Em Salvador (BA), no Hospital Geral do Estado (HGE), houve, no início do ano, o primeiro programa de residência médica em atendimento ao queimado. É o primeiro programa do Norte/Nordeste.

Para Allana, a inclusão pode abrir portas que se trancam para os sobreviventes assim que se queimam. “Já é difícil construir um amor próprio nessa situação, ainda mais quando não é só você que não se aceita logo que se queima, mas também a sociedade. Como eu vou me enxergar se ninguém me vê? É por isso que eu também falo de empoderamento no Instagram, porque eu não conheci nenhum queimado que falasse disso pra mim”.

Com o cabelo trançado para o aniversário de 22 anos, o rosto sutilmente maquiado e ofuscado pela blusa verde e a calça preta combinando com os sapatos, Allana é uma mulher vaidosa que gosta de se arrumar até para ficar em casa. Quando sai com as amigas, é a única ignorada quando surgem pretendentes. Mesmo assim, atualmente se sente mais incomodada quando comentam sobre as roupas do que sobre a aparência queimada. “Isso é algo que as pessoas não entendem. Pra mim, minhas queimaduras são a coisa mais normal do mundo. É natural. E ao mesmo tempo é de se esperar que eu sofra preconceito. Então eu me sinto muito pior se alguém fala que minha roupa é feia, por exemplo”. Allana cresceu em um lar com

diversidade. Para ela, o diferente é o padrão. “Meu irmão é gay, minha mãe e minha irmã eram gordas, minha outra irmã morena com o cabelo cacheado. Eu vivi rodeada de pessoas diferentes e menosprezadas pela sociedade. Ser mais uma dessas pessoas só me fortaleceu”.

Os queimados ganharam mais visibilidade durante a pandemia com um aumento de 25% no número de casos de queimaduras em 2020, de acordo com dados divulgados pela Sociedade Brasileira de Queimaduras (SBQ). O que os médicos não estavam preparados é que muitos dos casos seriam provenientes do uso indevido de álcool 70%, que teve liberação no mercado sem necessidade de aval por parte da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) em março do ano passado, logo que o vírus chegou ao Brasil e houve escassez na venda de álcool em gel. Durante a pandemia o HRAN deu prioridade máxima para tratar pacientes infectados pelo vírus, mas continua de portas abertas recebendo e tratando vítimas de queimaduras que vêm do DF e de fora.

Allana Krysna se tornou referência como sobrevivente. Na dimensão empática e solidária em que ela aceitou participar da vida de outras pessoas queimadas, os comentários e feedbacks que recebe são sempre positivos. Não se vê na necessidade de procurar meios de atender outros sobreviventes de queimaduras com um olhar mais profissional, mas sim pessoal. Em nenhum momento se vestiu como enfermeira ou médica, mas sim com a ética do cuidado.



## APÊNDICE B

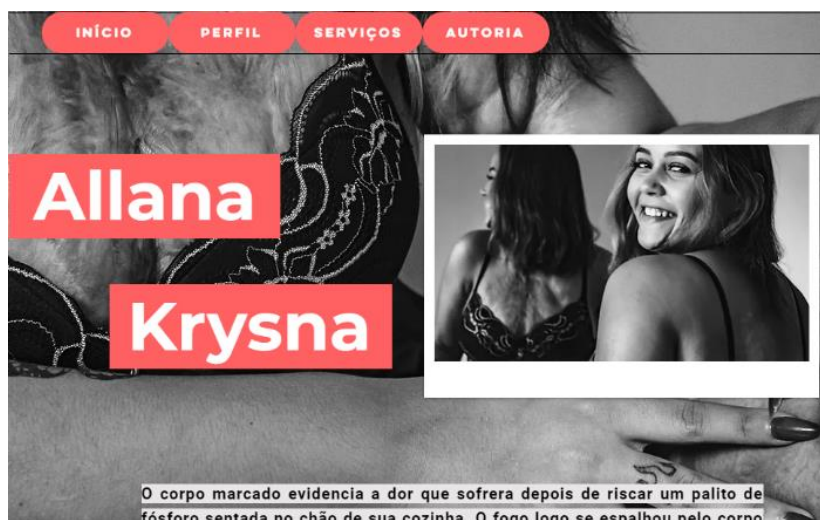
Imagens recortadas do *website*

Figura 1 – página inicial



Fonte: elaboração própria da autora

Figura 2 – aba “Perfil”



Fonte: elaboração própria da autora

Figura 3 – aba “Serviços”



Fonte: elaboração própria da autora

Figura 4 – aba “Autoria”



Fonte: elaboração própria da autora